

A JUVENTUDE NAS ONDAS DO RÁDIO: IDENTIDADES ATRAVESSADAS PELO COTIDIANO DE UMA RÁDIO COMUNITÁRIA

Fabiano P. Silva¹

Resumo: O presente trabalho busca desenvolver um estudo interdisciplinar sobre a relação de jovens com a rádio comunitária. Procuraremos mostrar como a tensão resultante dessa experiência se ajusta na formação de uma identidade que ora pode se aproximar dos anseios coletivos bem como das aspirações individuais dos jovens. Para tanto, situaremos esta discussão a partir da temática do cotidiano, mostrando como surge dentro do debate sociológico, a sua atual importância e a ligação com o nosso objeto de estudo. Assim, faremos uso da história oral uma vez que esta nos permitirá resgatar a experiência vivida de alguns jovens envolvidos com a rádio comunitária.

Palavras-chave: Juventude. Identidade. Rádio Comunitária. Cotidiano.

1. Introdução

No que diz respeito a cidade de João Pessoa é perceptível² a participação de grande número de jovens compondo as mais diversas rádios comunitárias espalhadas em algumas comunidades³ da capital. A presença juvenil nesse meio de comunicação não se dá pela simples curiosidade, típica nessa fase da vida, mas na busca de interlocução, (auto)conhecimento, sonhos e espaços para atuar. A participação efetiva desses jovens se dá tanto nos programas veiculados pela emissora como também na composição de seu quadro administrativo, tomando parte nas decisões junto com todo o grupo.

Resultado de diversas lutas no âmbito da democratização dos meios de comunicação, o que hoje se entende por rádio comunitária é consequência de um leque

¹ Formado em Comunicação Social (com habilitação em Radialismo e TV). Graduando em Ciências Sociais e mestrando em Sociologia pela UFPB. É pesquisador do Grupo de Pesquisa Sobre o Cotidiano e Jornalismo (GRUPECJ) do Curso de Comunicação Social da UFPB coordenado pelo Prof. Dr. Wellington Pereira.

² Constatação feita pelo autor ao verificar algumas rádios comunitárias de João Pessoa.

³ No início de nossa pesquisa, ainda na fase de delimitação do objeto a ser estudado, visitamos e conhecemos a experiência de três rádios comunitárias em suas respectivas comunidades, são elas: Diversidade FM, no Jardim Veneza; Independente FM, no Timbó e Voz Popular FM, na comunidade de São Rafael.

de experiências e aventuras viabilizadas pelo domínio de uma técnica aparentemente simples de emissão de sinais de radiodifusão sonora. Em todo o país, e mundo afora, foram inúmeros os experimentos com as rádios livres e comunitárias permitindo a inversão do esquema emissor/receptor. Após longos anos de conflitos por uma legislação que regulamentasse o serviço de radiodifusão comunitária, eis que em 1998 é aprovada a lei 9.612 que permitiu, a partir de então, a regularização de várias emissoras espalhadas por todo Brasil.

Voltando nosso foco para a cidade de João Pessoa, é visível as inúmeras rádios comunitárias que transmitem diariamente, de seus respectivos bairros, uma programação feita pela e para as suas comunidades. Não podemos deixar de observar o grande número de jovens envolvidos neste processo de comunicação. A sua participação nestas rádios nos chama a atenção no sentido de se perceber como se inserem nesta atividade comunicativa que se dá no cotidiano deste meio de comunicação.

O presente trabalho busca, portanto, desenvolver, a partir de alguns dados empíricos que dispomos até o momento e da bibliografia disponível, um estudo sobre a relação de jovens com a rádio comunitária. Procuraremos mostrar como a tensão resultante dessa experiência se ajusta na formação de uma identidade que ora pode se aproximar dos anseios coletivos bem como das aspirações individuais dos jovens. Assim, o uso da história oral será de grande importância uma vez que nos permitirá resgatar a experiência vivida de alguns jovens envolvidos com a rádio comunitária.

Para tanto, situaremos esta discussão, nos parágrafos seguintes, a partir da temática do cotidiano, mostrando como surge dentro do debate sociológico, a sua atual importância e a ligação com o nosso objeto de estudo.

2. O cotidiano dentro do atual debate sociológico

Atualmente, são cada vez mais frequentes estudos que se utilizam da temática do cotidiano como fio condutor para um conhecimento da sociedade. Isso se dá pelo fato de o cotidiano ser “um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da

transformação da sociedade e dos embates que a atravessam”⁴. É assim que os conflitos, as posições ideológicas, as crises e a vida do indivíduo imerso no seu dia-a-dia são também objetos de estudo da sociologia da vida cotidiana.

Dentre as diversas maneiras de se apreender o cotidiano percebemos uma clara oposição entre duas correntes: uma, parte da perspectiva que se volta para a análise a nível macrosociológico ressaltando o peso das instituições político-econômicas sobre os indivíduos no seu dia-a-dia; outra, se apegando ao pequeno mundo do “homem ordinário”, do homem imerso nos seus afazeres diários e nas suas microrelações.

Para o que nos propomos aqui, seguiremos as indicações de Lefebvre, Agnes Heller e Michel de Certeau sobre o cotidiano. Embora sejam orientações teóricas bem distintas, acreditamos ser possível um encontro das posições de cada autor com o nosso objeto de estudo tendo em vista que este, da forma que aqui se apresenta, viabiliza este enlace sem que nos preocupemos, de antemão, com a discordância que há entre autores de um grupo e de outro.

Além do mais, seguimos aqui a indicação de Pais (2003, pp. 75-76) que afirma que “uma visão exclusivamente macroscópica do social não pode dar conta de todos os pequenos jogos sociais que constituem a trama social. Sendo assim, a sociologia deve accionar paradigmas que permitam entrelaçar os planos da micro e da macroanálise sociológica”.

É assim que a partir de uma análise mais abrangente de uma sociedade caracterizada como “sociedade burocrática de consumo dirigido”, Lefebvre (1991, p. 73) afirma que a vida cotidiana passa a ser organizada como algo semiplanejado por “atividades superiores” que tomam o cotidiano por objeto. O ambiente urbano, segundo o autor, tem sua cotidianidade programada por forças políticas e sociais que procuram estruturá-lo tornando-o funcional. Para Lefebvre, o modelo de gestão da sociedade atual é o modelo da

grande empresa ‘moderna’ [que] não se contenta de ser uma unidade econômica (ou uma concentração de unidades), nem de fazer pressão sobre a política, mas que ela tende a invadir a prática social. Ela propõe à sociedade inteira sua racionalidade como modelo de organização e de gestão. (LEFEBVRE, 1991, p. 75).

⁴ PAIS, José Machado. Vida cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo: Editora Cortez, 2003. p. 72

Para esta corrente de pensamento a eficácia sócio-institucional de uma sociedade, bem como a sua estrutura política, poderia ser avaliada de acordo com a capacidade de estruturação da vida cotidiana. O ajustamento desse exemplo de uma análise macro da sociedade para a cotidianidade das microrelações que se dão no campo social, nos permite observar algumas semelhanças no dia-a-dia das práticas de comunicação.

No seu livro “*O cotidiano e a história*”, Agnes Heller destaca, entre as diversas formas de organização da sociedade, a hierarquia que se impõe no dia-a-dia da vivência urbana. Assim como Lefebvre, concorda que o peso das estruturas político-econômicas são determinantes, sendo assim “a forma concreta da hierarquia não é eterna e imutável, mas se modifica de modo específico em função das diferentes estruturas econômico-sociais”⁵.

Para se pensar o cotidiano urbano e as práticas de comunicação de uma sociedade é preciso estar atento para tais condicionantes que funcionam como organizadores do espaço urbano. No entanto, não podemos ver essas formas como engessadas e imutáveis. Segundo nos mostra Heller, elas “não devem se cristalizar em absoluto, mas tem de deixar ao indivíduo uma margem de movimento e possibilidade de explicitação”⁶.

Seguindo a indicação de Certeau, acreditamos que, para além de uma sociedade organizada nos moldes de uma racionalidade que prevê o controle das ações e a hierarquia das funções, é possível observar exemplos que não se moldam a estas formas que buscam controlar o cotidiano.

É assim que através de diversas atitudes que temos no dia-a-dia, podemos encontrar algumas formas de driblar estes aparatos que buscam condicionar nossas ações. Para Certeau o cotidiano se configura como espaço/tempo de “táticas” dos atores sociais, ou seja, contra as estratégias (ações do dominador incluídas no cotidiano pelos aparatos de repressão), existe os micro exercícios (táticas) de oposição e enfrentamento. Sendo assim, Certeau está preocupado em desvendar a “contrapartida” dos sujeitos diante das formas normatizadoras da vida social. Para ele,

⁵ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Ed. Paz e terra, 1992. p. 18.

⁶ *Op cit.* p. 37

mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também ‘minúsculos’ e cotidiano) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-las. (CERTEAU, 1994, p. 41).

3. Tensões cotidianas na prática da comunicação comunitária e identidade

Devido a demora que se leva para obter a concessão, muitas rádios comunitárias optam em funcionar sem a outorga do Governo Federal. Diante disso, não é fácil driblar as exigências impostas pelas agências reguladoras da comunicação no país e a pressão dos meios de comunicação comerciais que, junto aos órgãos legais, tem cobrado uma fiscalização mais eficiente no combate as rádios consideradas “marginais”. Em todo o país – e a realidade local não poderia fugir a regra – há uma homogeneização das práticas de comunicação em que estas práticas são normatizadas e definidas de maneira vertical.

Desta forma, a prática da comunicação comunitária no Brasil termina sofrendo as mais diversas intervenções que buscam regular e controlar seu funcionamento. O que pretendemos ressaltar aqui, são atividades cotidianas que, de uma forma ou de outra, têm encontrado espaço entre as brechas normatizadoras e que assim subvertem as regras que procuram verticalizar e homogeneizar o cotidiano.

Uma observação atenta às práticas da comunicação comunitária por parte dos jovens parece ressaltar as análises de Certeau sobre o fazer cotidiano. O dia-a-dia de uma emissora comunitária é permeado dessas estratégias que procuram driblar os “modos disciplinares” construtores de hábitos e costumes. É neste (re)fazer e (re)criar, que se dá no cotidiano dos jovens comunicadores, que há uma “negociação” da identidade a partir dessa experiência e dos embates de personalidade que ocorrem no meio social no qual estão inseridos.

O estudo das práticas da comunicação comunitária através do olhar das táticas e criatividade, bem como das aspirações de cada um envolvido neste projeto, pode nos mostrar como tem se dado a apropriação deste espaço radiofônico. A tensão, sempre presente nas práticas do fazer cotidiano, poderá nos guiar mostrando como ela aparece

em termos de formação de uma identidade. Assim, se faz necessário algumas considerações gerais sobre o atual debate da identidade.

A discussão sobre identidade tem resultado em análises que hora levam em conta os efeitos dos contextos culturais e estruturais da sociedade no comportamento das pessoas, ora enfatiza certa liberdade do indivíduo em que a sua identidade é construída no decorrer de uma socialização.

Segundo Giddens (2004, p.29) o conceito de identidade é um conceito “multifacetado” que pode ser abordado de diversas maneiras. De forma geral, “os sociólogos referem-se, sobretudo, a dois tipos de identidade: a identidade social e a identidade pessoal”⁷. A identidade social está ligada ao posicionamento do indivíduo em relação a outros indivíduos e as características que lhes são atribuídas por outras pessoas. Assim é possível uma multiplicidade de identidades sociais: estudante, pai, engenheiro, nordestino etc.. A identidade pessoal, por outro lado, leva em conta as características próprias do indivíduo resultantes de um processo de desenvolvimento pessoal que se dá em uma negociação diária do indivíduo com o mundo que o rodeia.

É importante ressaltar que o crescimento urbano e uma maior mobilidade social e geográfica possibilitaram uma identidade mais multifacetada e instável. Os valores tradicionais que permeavam a sociedade até bem pouco tempo atrás não são tão determinantes hoje, permitindo uma maior liberdade de escolha por parte do indivíduo. (GIDDENS, 2004, p.30).

Levando-se em conta a influência do impacto dos grandes centros urbanos nos indivíduos e a imensa possibilidade de interações que a cidade permite, a identidade estaria sempre em construção, como um processo nunca completo. Segundo Stuart Hall (2000, pg. 106), a identidade é um processo de articulação que está sujeita ao “jogo do *différance*”. Hall parte de uma abordagem discursiva na qual a identidade está sempre em processo de construção, desta forma não seria possível chegar a uma identidade x ou y ou dizer que se ganhou ou perdeu certo tipo de identidade.

Cathryn Woodward (2000, p. 09) afirma que “a identidade [...] depende, para existir, de algo fora dela” sendo assim marcada pela diferença. A identidade seria então relacional, a diferença seria estabelecida por uma marcação simbólica relativa a outras identidades.

⁷ GIDDENS, Anthony. Sociologia. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkiapa, 2004. p.

Castells (2006, p. 22), a partir de uma abordagem que leva em conta o que ele chama de uma “sociedade em rede”, afirma que identidade “é o processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados”. Para ele é possível que o indivíduo ou ator coletivo possua identidades múltiplas, mas que esta pluralidade é fonte de tensão e contradição.

Segundo o autor, é importante que se faça a distinção entre identidade e papéis. Assim, “em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções”⁷. Ou seja, os papéis que um indivíduo pode assumir na sociedade são: trabalhador, pai, esportista, socialista, freqüentador de determinada igreja entre tantos outros possíveis.

Castells coloca ainda que existem tipos diferentes de manifestações identitárias. Segundo o autor, a construção de identidades se desenvolve em contextos marcados pela relação de poder. É assim que ele propõe três formas e origem de construção de identidades: a primeira seria a *identidade legitimadora*, ligada às instituições dominantes; a segunda diz respeito a *identidade de resistência* geradas por atores sociais em posições discriminadas; e a terceira e última seria a *identidade de projeto* na qual atores sociais, a partir de materiais culturais a que tem acesso, produzem uma identidade definindo, assim, sua posição na sociedade.

É válido ressaltar que estes tipos de construção de identidades não são fixos e podem se entrelaçar:

Identidades que começam como resistência podem acabar resultando em projetos, ou mesmo tornando-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se assim em identidades legitimadoras para racionalizar sua dominação. [...] De fato, a dinâmica de identidades ao longo desta seqüência evidencia que, do ponto de vista da teoria social, nenhuma identidade pode constituir uma essência. (CASTELLS, 2006. p.24)

A forma como esses autores entendem a identidade se assemelham em alguns aspectos e podem lançar algumas luzes para o presente trabalho. Ressaltamos que a tensão presente no processo de comunicação comunitária pode ser a chave para compreendermos como se dá a formação de uma identidade juvenil a partir de sua experiência com este meio.

⁷ CASTELLS, Manuel. O poder da identidade – (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2). São Paulo: ed. Paz e Terra. 2006. p.23

4. História oral e o resgate das experiências vividas

O estudo sobre a identidade juvenil, através da participação de jovens numa rádio comunitária e vista sob a ótica do cotidiano, possibilitará uma melhor compreensão de como as práticas desses jovens, diretamente envolvidos neste meio de comunicação, contribuiu na formação de uma identidade.

Para tanto, ressaltamos a importância do uso da história oral como ferramenta metodológica, através da experiência daqueles que participaram ativamente na rádio, para reconstituição de um passado ainda próximo.

A História Oral constitui uma metodologia qualitativa de pesquisa voltada para o conhecimento do tempo presente permite conhecer a realidade e o passado ainda próximo pela experiência e pela voz daqueles que o viveram. Não se resume a uma simples técnica, incluindo também uma postura, na medida em que seu objetivo não se limita à ampliação de conhecimentos e informações, mas visa conhecer a versão dos agentes. Permite conhecer diferentes versões sobre um mesmo período ou fato, versões estas marcadas pela posição social daqueles que os viveram e narraram. (LANG, 2001, p.96)

A análise da experiência dos jovens com a rádio comunitária, através da história oral e da memória, nos permitirá identificar o lugar das falas, ou seja, identificar de onde fala, que posição ele assume dentro desta experiência vivida e se sua fala é marcada por esta posição.

Menezes (2008, p.32) lembra ainda a importância da memória para a demarcação de identidades seja ela individual, familiar ou de grupos e isto estaria ligado a forma como as pessoas relatam a sua vida. Neste sentido ela lembra a contribuição dos estudos de Halbwachs sobre a memória em que este parte da análise dos “quadros sociais” ao invés de um estudo da memória em si. Desta forma,

a lembrança individual passa a estar relacionada com os grupos e instituições nos quais o indivíduo se inclui, sendo estes a família, classe social, a escola, a igreja, ou o trabalho. O passado já não vai mais ser mantido no inconsciente de forma autônoma e inteira. A lembrança individual é acionada como resultado de uma influência da situação presente. [...] A lembrança é construída a partir das práticas sociais e representações do presente. [...] Assim a memória ‘individual’ sempre está relacionada à memória do grupo. (MENZES, 2008, p. 32)

O que nos interessará aqui é observar, através dos relatos daqueles que vivenciaram a experiência com a rádio comunitária, como essa experiência pode ter influenciado em suas vidas. Assim, a memória dos jovens que participaram ativamente na rádio comunitária pode ser um elemento integrante do sentimento de identidade (pessoal ou coletiva) uma vez que, ao relatar suas experiências, haveria uma continuidade de suas atividades anteriores com as atuais.

5. Considerações finais

A história oral nos permitirá uma aproximação da experiência vivida por esses jovens na rádio comunitária. Teremos ainda que considerar todos os conflitos existentes nesta experiência, pensando as estratégias dos atores juvenis envolvidos neste projeto de comunicação comunitário como uma forma de intervir no cotidiano.

Por outro lado, é preciso levar em conta que para além do projeto de comunicação plural e cidadã do movimento de rádios comunitárias, há também o projeto de vida pessoal que é idealizado pelos indivíduos na vivência cotidiana.

Referências:

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**: (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2). São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes do fazer . 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo (orgs.). **Mídia e movimentos sociais**: linguagens e coletivos em ação. São Paulo: Paulus, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkiapa, 2004.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4ª ed. São Paulo: Paz e terra, 1992.

LEFEVBRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

MENEZES, Marilda Aparecida. História Oral: uma metodologia para o estudo da memória. **Revista Vivência**. Natal – RN, n. 28, p. 23-36. 2005.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.